

DIFICULDADES HUMANO-PSICOLÓGICAS DA ORAÇÃO

Pe. Oscar Mueller, S. J.

Falando da oração falamos da relação da pessoa com Deus. — Já a relação de pessoa a pessoa é algo de misterioso e difícil. Por isso falamos tanto de incomunicabilidade e sofremos dela. Contudo, a relação de pessoa a pessoa é algo de natural. A vida é feita para isso e não recebe a plenitude e felicidade senão na relação de amor entre as pessoas.

Na relação da pessoa com Deus o problema é o mesmo, só aumentando infinitamente: é a coisa mais natural e difícil ao mesmo tempo. Indicaremos a seguir algumas dificuldades humano-psicológicas da oração, com orientações sobre o modo de as enfrentar e possivelmente superar.

Para nos situar bem, começaremos expondo brevemente os pressupostos ontológicos e psicológico-morais da oração.

I Pressupostos ontológicos da oração

Há a relação de criatura que recebe sua existência do Deus Criador e por ele é sustentada em

vida, vida própria dela em distância infinita de Deus, a quem adora, agradecendo-lhe e obedecendo, e pedindo ajuda. A perfeição e realização da criatura está em ter e desenvolver esta vida como dom que recebeu para ser feliz. Sua união com Deus consiste em ser criada e sustentada por Deus e em obedecer à orientação dada por Deus à sua vida. Esta união pessoal com Deus é união intencional: ato da criatura que faz sua a vontade de Deus e assim é uma com Ele, intencionalmente.

Dentro e além desta relação de criatura há a relação de filho que recebe o dom da participação na própria vida de Deus, em comunhão de ser com Ele. A criatura não deixa de ser criatura distinta de Deus, mas é elevada a uma forma nova de vida que é comunhão: união com Deus não só intencional, mas vital, que supõe uma certa igualdade — para isso o homem foi feito segundo a imagem e semelhança de Deus.

A elevação à união vital com Deus é obra de Deus somente. O homem não pode contribuir em nada. Apenas pode (e deve) colo-

car-se em condições para que Deus o possa unir a si. Estas condições não são outras senão aquela união intencional pela qual a criatura se une à vontade de Deus, na obediência à orientação que Deus deu à sua vida. Ora, esta orientação diz que o homem se deve abrir ao amor do próximo e nisso desenvolver suas potencialidades. Só nesta situação de amor ao próximo Deus, que é amor, pode unir a si a criatura em união vital.

(Não nos demoraremos em refletir nas ulteriores conseqüências desta realidade. Para a fundamentação do nosso trabalho basta a constatação acima explicitada.)

Então, na hodierna economia da salvação, devemos distinguir vários aspectos da relação do homem com Deus:

— o fato de o homem ter recebido a vida como dom de Deus: a criação e sustentação da vida é obra de Deus;

— o esforço do homem em orientar sua vida segundo a vontade do Criador, no qual esforço surge a união intencional com Deus: a união intencional com Deus é obra do homem;

— o fato de o homem, unido intencionalmente com Deus, ser elevado à participação na vida de Deus em união vital: a união vital é obra de Deus, em base à união intencional que é obra do homem.

O homem que constitutiva e exemplarmente viveu a comunhão vital com Deus foi Jesus Cristo, Filho de Deus. Ele nos revelou que o Pai quer elevar a todos os ho-

mens a esta comunhão vital com Ele. Isso é puro dom da bondade de Deus. É algo de invisível, mas manifestado na vida, nas obras e palavras de Cristo e expresso na oração de Cristo, falando com o Pai e sobre o Pai.

II Pressupostos psicológico-morais da oração

Oração é a ocupação consciente da pessoa com Deus, com quem ela vive em comunhão vital. Convém estabelecer quais as atitudes fundamentais do homem em oração.

1) — Amar o próximo.

Para poder estar unido a Deus, o homem deve amar o próximo. Ao menos deve ter a disposição sincera e o esforço correspondente. Pois a orientação total da vida, conforme o plano de Deus, visa a realização da pessoa através do amor aos outros. "Quem não ama, não conhece Deus, pois Deus é amor."

2) — Suportar as limitações da vida.

O homem deve suportar como tarefa da vida as limitações humanas. No desenvolvimento da vida, que é crescimento, encontramos obstáculos inevitáveis e limitações dolorosas, inerentes à vida tal qual existe hoje. Suportando-as obedeceremos a Deus Pai. "Não como eu quero, mas como tu queres."

3) — Crer na bondade de Deus que nos faz seus filhos.

Em base a estas atitudes, o homem pode e deve crer que, em Cristo e no Espírito, Ele é feito filho de Deus, elevado à comunhão vital com Deus. Este ato de fé na bondade de Deus é a primeira oração, entrega total ao acolhimento que Deus lhe faz, oferecendo-lhe uma felicidade imerecida e inatingível por seus próprios esforços, algo que supera tudo que ele podia pensar e desejar.

4) — Cultivar a oração.

Deste ato de fé fundamental surgem espontaneamente as seguintes atitudes:

— Diante de Deus: admiração, alegria, agradecimento, louvor, amor, descanso, contemplação, entrega, confiança, esperança;

— Diante do plano da própria vida: disposição de fazer sempre a vontade de Deus na dedicação ao amor dos irmãos, desejo de se dedicar assim, desprendimento, iniciativa, deliberação de como fazer, pedido de ajuda para si e outros, esforço para descobrir a vontade de Deus, reconhecimento das faltas contra o amor de Deus e dos irmãos, pedido de perdão, arrependimento, disposição para servir com zelo e desprendimento, com coragem e paciência;

— Diante dos outros: desejo de se comunicar com os outros, para com eles em comunidade louvar, agradecer, adorar...

Embora o impulso para a oração seja espontâneo, nem sempre o homem acha as formas convenientes de expressão nem faz o esforço correspondente. Daí a importância da formação para a oração que

consiste em estimular a pessoa à oração e de lhe oferecer formas de expressão autênticas.

a) Estimular para a oração. Como Deus é invisível, a comunhão com ele não é perceptível com os sentidos, mas estes são solicitados pelo que acontece em redor de nós. Assim a pessoa facilmente fica absorvida pelo que os sentidos lhe oferecem, negligenciando o impulso que de dentro lhe vem para a oração. Convém então convidar esta pessoa para a oração, e que ela coloque a oração no programa do seu dia com um horário estabelecido de antemão.

b) Oferecer formas de oração. A maneira como Deus nos elevou à comunhão de vida para com ele é tão "segundo a natureza" que as formas autenticamente cristãs são as mais simples, mais ligadas à vida, mais semelhantes às formas que usamos no trato familiar e entre os amigos. Mas ainda isso deve ser ensinado. Pois o homem naturalmente tende a dar à relação com Deus uma feição de extraordinário, sobre-humano, com características de sacrifício, de mortificação e de desprezo do mundo. Diante de Deus e para se unir a Deus lhe parece impossível ser e permanecer ele mesmo, homem-homem. Para compreender, ou melhor, crer no plano de Deus era necessário a encarnação, fazendo-se o filho de Deus homem, em tudo igual a nós exceto o pecado. Ainda é importante o seguinte: mesmo debaixo de formas falsas (pagãs) pode haver uma atitude autêntica de fé e amor, embora as formas falsas levem de por si a assumir atitudes falsas.

III *Obstáculos para uma boa aprendizagem da oração.*

Na formação para a oração encontramos frequentemente obstáculos aos quais não damos atenção e que dificultam a boa aprendizagem. Isto acontece quando a oração é desligada da vida e do serviço do próximo, quando Deus é apresentado como Senhor e Juiz, quando se dá muito valor a palavras bonitas e a sentimentos superficiais e quando a oração não é acompanhada pelo exemplo de vida e não é adaptada às diferentes idades. Mas em vez de nos demorar na descrição destes obstáculos, preferimos logo indicar a maneira positiva para os evitar e superar.

1) — Atenção ao amor do próximo.

A orientação total da vida visa o amor do próximo em todas as formas válidas. Colocando-me diante de Deus, na oração, não posso esquecer esta orientação. Pois é Deus que me deu e a quem executo por mim. Deus quer ajudar-me a bem executá-la na minha situação de hoje. É tarefa que sempre urge. Quero deliberar com Deus como executá-la.

Não devemos fazer oração por fazer oração. Devo rezar para viver e viver melhor minha vida de comunhão com Deus e com os irmãos. Estou diante de Deus com toda a minha vida para a orientar bem, juntamente com Ele. Na situação em que me acho hoje. Com o meu jeito e minhas dificuldades.

2) — Atenção à percepção pessoal do Deus que é amor.

Na luta por minha plena realização Deus não é um rival, mas um aliado amigo. Ainda mais: é o próprio e definitivo realizador. Não preciso ter medo nem devo desconfiar. Ele trabalha comigo para o meu bem. Por isso, o que Deus manda é para o meu bem. Posso não percebê-lo, pois muitas vezes este bem é misteriosamente escondido.

O melhor bem sempre presente é a comunhão com Deus no íntimo do nosso ser, lá onde Deus nos sustenta na vida que é vida de união com Ele. Quem sabe encontrar Deus lá, sempre encontra o Deus que ama, sustenta, acolhe, perdoa, faz feliz. A oração é o momento onde procuramos encontrar Deus lá, no íntimo, onde nenhuma perturbação pode chegar.

Nisso nos devemos exercer, no recolhimento, no silêncio. Mas Deus está lá também no barulho, sempre.

3) — Atenção à formulação adaptada e ao exemplo de vida.

A liturgia, a leitura da Escritura, as orações devem levar à descoberta e renovação do encontro com Deus Pai e amigo. Para isso devem ter formas expressivas e sugestivas desta realidade.

Os pais, educadores e catequistas devem dar um testemunho do amor como representantes do amor de Deus. Aliás todas as pessoas têm esta missão: ser junto dos outros reveladores do amor de Deus, testemunhando pela vida e pelas palavras como Cristo testemunhou que "o Pai vos ama". Onde aprender isso senão na oração?

Na infância e no início da adolescência a aprendizagem da oração é bastante fácil, ao menos quando adaptada à capacidade das pessoas. Pois a abertura para o mundo maravilhoso (criança) e para o serviço generoso (adolescente), para tudo que é verdadeiro e bom, é natural, e a percepção do amor de Deus ou do Deus de amor ainda não é perturbada pelas tendências egoístas do mundo interior nem pelas solicitações angustiantes do mundo exterior.

IV *Dificuldades para o progresso e a perseverança na oração:*

1) — O processo de amadurecimento pessoal.

É um processo lento, onde valores, facilmente aceitos na infância por docilidade aos pais e educadores, devem ser assumidos por convicção pessoal, e isso dentro de uma situação de turbulência interior e exterior. Interior, na época da puberdade pela explosão da afetividade e pelo despertar do eu pessoal. Exterior, pelas incideências da responsabilidade social e pela afirmação pessoal, num ambiente de competição e de agitação.

Neste processo é difícil a pessoa chegar a se possuir para se dar aos outros, na doação de amor como deve ser. Mas é o querer que vale diante de Deus e não o sentir nem o conseguir ou não-conseguir. Com Deus este querer decisivo sempre pode ser sustentado e aos poucos vai envolver as atitudes (conseguir) e os sentimentos (sentir). Onde melhor planejar, recomençar

e confirmar esta atitude se não na oração? Deus amor é o ponto firme, onde firmar-nos no querer bem, no amor.

2) — A agitação do mundo moderno.

A crescente agitação da civilização moderna dificulta a reflexão e com ela o crescimento da unidade interior da pessoa. Esta já não se consegue orientar por si mas é orientada por fora, acossada pelos impactos providos do ambiente em ritmo contínuo. E quanto menos firme interiormente, tanto mais incapaz ela se torna para resistir, para sair fora do ritmo, afirmar-se em si mesma e influir no ambiente para lhe imprimir a orientação justa.

Bem se vê que a oração seria justamente o antídoto, o remédio acertado. Mas como aprender e conseguir fazer oração neste turbilhão da vida? Há algumas linhas que dão esperança e ajuda:

— há uma reação da própria natureza; o homem não suporta mais a agitação e com força instintiva se lhe opõe, criando em si e em redor de si um espaço para a reflexão, para o encontro consigo, com Deus e com os outros;

— há o sopro do Espírito Santo que se faz sentir no meio do barulho, soprando mais forte que o mundo; não é ele o Espírito Santo Criador que pode fechar o homem aos barulhos de fora para o tornar atento e obediente à sua voz?

— há a percepção cada vez mais forte do valor da pessoa, com a tendência de se encontrar em

grupo, em comunicação pessoal que cria a comunhão; — “Onde dois ou três estão unidos em meu nome, estou no meio deles”, — o encontro fraterno, inspirado ao mesmo tempo pela natureza e pelo Espírito Santo, é o lugar privilegiado do encontro com Deus.

3) — A luta pela sobrevivência.

A aglomeração dos homens nos centros urbanos favorece a luta pela sobrevivência, a competição. Não só no sentido de ter com que viver, mas no sentido de querer viver sempre melhor. Isso acentua no homem a autodefesa e a autoafirmação que neste sentido competitivo são contrários ao espírito de amor. O homem é obrigado a cuidar de si, não pode se apoiar no dom do outro. Nem pode se entregar ao outro, se não é explorado. Certo, tudo isso é superficial, são valores externos. Mas tudo reflete no interior e dificulta a oração.

Em vista dessa dificuldade torna-se necessário e urgente cultivar uma espiritualidade existencial como a descrevemos sucintamente na introdução e no primeiro capítulo. Pois esta permite, em qualquer momento e lugar, o encontro da pessoa consigo mesma e com Deus, vendo toda a atividade, ainda a mais febril, como atuação da comunhão com Deus e com os irmãos. Pois a comunhão é vida: minha vida enquanto dedicada ao serviço dos outros, indissolivelmente ligada à vida de Deus. “Quem me separará do amor de Cristo?... nada” (Rm 8, 35-39).

Espiritualidade existencial, não ligada a regras, práticas, horários, mas à vida vivida em doação aos

outros. Claro que esta espiritualidade deve ser aprendida, exercida. Com regras, práticas, horários. É preciso tempo de formação. Que este tempo de formação seja empregado para isso! Quem aprendeu, encontrará, dentro da agitação, tempo para rezar, renovando sua fé e alegria na presença do Senhor na sua dedicação aos irmãos.

4) — A força dos condicionamentos afetivos.

Um obstáculo fortíssimo para o progresso e a perseverança na oração é constituído pelos condicionamentos afetivos, surgidos na primeira infância. São condicionamentos negativos, dando à pessoa a impressão de não ser amada nem pelos homens nem por Deus, de ser incapaz, de ser culpada, tornando-a insegura, fechada, revoltada, triste.

São impressões afetivas, portanto alojadas na superfície da pessoa. Mas por serem fortes, constantes e inacessíveis à eliminação por reflexão e sugestão, eles envolvem a pessoa toda, perturbando a vida interior e o relacionamento com os outros.

São impressões surgidas na infância e por isso em nada relacionadas com a situação atual da pessoa, embora se façam sentir como se valessem da situação presente. Compreende-se quanto de perturbação e sofrimento isso causa! E tudo é mentira, pois o sentimento diz: “É de hoje”, mas em verdade “é do passado”.

Estes sentimentos perturbam facilmente a oração, especialmente

a oração mais longa. Enquanto está em atividade a pessoa se acha bastante bem. Quando pára e começa a rezar, logo se sente insatisfeita, não-amada por Deus, com sentimentos de culpa e, esforçando-se, não consegue mudar nada nesta impressão penosa. Acha então inútil continuar, sem gosto, sentindo-se triste e só. Compreende-se que ela vai interromper a oração nem tem mais vontade de tentar de novo...

Que fazer? Esta pessoa deve ser confirmada no essencial da atitude cristã, naquela espiritualidade existencial que diz: O decisivo no homem é o querer, não o sentir nem o conseguir. Tu queres fazer o bem, sinceramente. Por isso Deus te quer bem, és amado por ele como filho. Faze o bem que puderes, apesar de tudo. E dize aos teus sentimentos negativos: "São do passado" (1). Se não puderes rezar durante mais tempo, reza brevemente e mais vezes. Se conseguires rezar durante mais tempo, é bom. Procura penetrar no interior até lá onde Deus te está dizendo: "Não temas, estou contigo." Ou fica simplesmente parado diante de Deus, dizendo-lhe: "Estou aqui. Peço que trabalhes em mim para eu ser dedicado, paciente, caridoso, confiante no teu amor e teu poder. Se queres podes me curar. Dá-me que eu sempre ame, apesar de tudo — e basta, pois então tu sempre estás comigo".

Esta pessoa deve ser sustentada no seu esforço de fazer o bem, embora nada sinta de bem e pouco consiga exteriormente. O que vale diante de Deus é o querer. Querer o bem, ela sempre quer. Isso deve ser reconhecido e nisso ela deve ser sustentada. O querer bem, graças a redenção de Cristo, sempre é possível: "Quem nos separará do amor de Cristo?"

Conclusão

Enumeramos algumas dificuldades da oração e procuramos indicar algumas pistas para a sua superação.

A solução mais fundamental para todas as dificuldades vemo-la numa formação bem orientada para a espiritualidade existencial em que se vê a vida na sua orientação para o serviço de amor aos outros e ao mesmo tempo na sua elevação à comunhão vital com Deus.

Toda oração, reflexão, conversação espiritual confirmaria a pessoa nesta atitude de fé no amor de Deus Pai e amigo e na dedicação sincera aos irmãos, dedicação essa que abrange toda a vida em sua realidade concreta de cada momento. A mesma dedicação aos irmãos, preparada e vivida seriamente, levaria sempre e espontaneamente à oração, achando nela alegria, descanso e renovação no amor de Deus para o novo serviço no amor dos irmãos.

(1) Esta atitude — dizer-se que é do passado; fazer o bem que se pode fazer apesar de tudo; dar atenção às

coisas boas que se consegue fazer — em breve tempo vai diminuindo os condicionamentos até os fazer desaparecer de todo.